

Prêmio CLAUDIA



# Um retrato da mulher brasileira

## As conquistas e os desafios em cada região

Com dimensões e desigualdades gigantescas, o Brasil não é o mesmo para todas as brasileiras. Há mulheres trabalhando para que as oportunidades de crescimento apareçam e se concretizem em cada canto. Em agosto, você vai conhecer 15 delas: são as finalistas do Prêmio CLAUDIA. Para avaliar a importância do que fazem, saiba mais sobre as peculiaridades dos estados e os obstáculos que elas encontram IRACY PAULINA E PATRÍCIA ZAIDAN



**Quem somos?** Em dados frios, já somamos 94 536 985 mulheres, 51% da população, ou seja, a maioria. Quase 80 milhões vivendo na área urbana e 15 milhões na rural. Mas comemoramos algo além dos números: os avanços, resultado da pressão que fizemos para mudar leis, abrir novos mercados de trabalho e consolidar a igualdade em casa e na sociedade. Até uma pasta específica conseguimos no governo: desde 2002, a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres se debruça sobre nossos problemas. Tudo isso nos permite olhar para os próximos desafios com a expectativa de que vamos vencê-los também. Há muito a fazer, como retrata esta reportagem sobre a condição das mulheres.

# SUL

Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. População feminina: 13 837 732

## Empresa familiar e divisão de tarefas domésticas com o marido

**A** união familiar é um dos pilares do Sul desde a colonização europeia. Imigrantes fugidos da Segunda Guerra e dos regimes totalitários criaram uma geração apegada à casa. O espírito de união, segundo a psicóloga Lidia Weber, da Universidade Federal do Paraná, se transferiu para o plano econômico. Nas pequenas propriedades rurais, há um grande contingente de mães, avós e filhas mantendo as tradições agrícolas, embora a produção exija jornadas longas, mal remuneradas e às vezes com precárias condições. O modelo familiar se repete na pequena e média indústria, onde elas são donas de confecção ou participam da operação fabril.

### Uma governadora e poucas parlamentares

Despacha no Sul uma das três governadoras em exercício no país: Yeda Crusius (PSDB), primeira mulher a ocupar o cargo no estado gaúcho. Ainda assim, a presença das sulistas na política é pálida. A lei vigente desde 2000 diz que a representação de cada sexo nos

partidos deve ser de no mínimo 30% e de no máximo 70%. Nas eleições de 2006, foram eleitas 13 deputadas estaduais – ou magros 8,7% da bancada. Ficaram na lanterna, comparadas com as Assembleias Legislativas do Norte (13,5%), Sudeste (12,8%), Nordeste (12,3%) e Centro-Oeste (10,6%). “Não só no Sul, mas no Brasil todo, os dados eleitorais retratam o baixo grau de participação política das mulheres”, diz a socióloga Jussara Prá, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**13**  
deputadas  
estaduais

**16**  
deputadas  
federais

### Longe das exatas

Até o início da década, as mulheres buscavam cursos ligados a educação (75% dos profissionais) e humanidades e artes (63%). Há quatro anos, isso começou a mudar. “Já eram maioria, em 2003, em cursos de odontologia (60%), se aproximavam dos homens na medicina e ocupavam 30% das vagas na engenharia”, diz Jussara Prá. “Até o direito, atividade que era masculina, é exercido quase meio a meio.” No uso da internet, as sulistas são campeãs: 24,8% navegam. “Mas ainda há divisões sexual do conhecimento”, afirma Luana Pinheiro, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. “Nos campos mais bem remunerados, como o das exatas, o acesso é demorado.”

**24,8%**  
são usuárias  
da internet



## Salário baixo

Até 2004, as mulheres que abriram um negócio no Rio Grande do Sul somavam 314 931, 48% do total de empreendedores. Já o holerite da sulista (em média

689 reais) está abaixo da média nacional (800 reais) e reforça a desigualdade que vigora no restante do país: o salário da mulher ainda é de 20 a 30% menor que o do homem. No Paraná, para cada mulher que ganha mais de 20 salários mínimos existem três homens na mesma faixa. Fato que, segundo Marisa Stedile, presidente do Sindicato dos Bancários de Curitiba, está ligado à cultura: "O ganho feminino é visto como complemento da renda doméstica, embora haja um aumento de mulheres chefes de família". Mesmo nos setores mais bem remunerados, a diferença é grande, como comprova a socióloga Maria Rosa Lombardi em tese de mestrado: "Na engenharia química, área em que a mulher tem boa penetração, o salário é 64% do valor recebido pelo colega". Segundo ela, esse hiato vem diminuindo dos anos 90 para cá por dois motivos: "O achatamento no holerite dos homens e o grau de escolaridade feminino, superior ao deles, que começa a fazer diferença".

**6,8** milhões são economicamente ativas

689 reais) está abaixo da média nacional (800 reais) e reforça a desigualdade que vigora no restante do país: o salário da mulher ainda é de 20 a 30% menor que o do homem. No Paraná, para cada mulher que ganha mais de 20 salários mínimos existem três homens na mesma faixa. Fato que, segundo Marisa Stedile, presidente do Sindicato dos Bancários de Curitiba, está ligado à cultura: "O ganho feminino é visto como complemento da renda doméstica, embora haja um aumento de mulheres chefes de família". Mesmo nos setores mais bem remunerados, a diferença é grande, como comprova a socióloga Maria Rosa Lombardi em tese de mestrado: "Na engenharia química, área em que a mulher tem boa penetração, o salário é 64% do valor recebido pelo colega". Segundo ela, esse hiato vem diminuindo dos anos 90 para cá por dois motivos: "O achatamento no holerite dos homens e o grau de escolaridade feminino, superior ao deles, que começa a fazer diferença".

## Casamento e parceria

Terceira região com o maior número de casamentos (5,7 por mil habitantes), o Sul conta com duas das dez capitais onde vive o maior grupo de casadas – Florianópolis (59,19%) e Curitiba (58,34%). Os dados constam do estudo *SEVO, CASAMENTO E ECONOMIA*, liderado pelo economista Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas. Na divisão de tarefas domésticas, as sulistas estão na ponta. Conseguiram fazer com que 62% dos maridos cozinhem e lidem com os filhos. O poder de decisão é meio a meio. "A imigração nos deixou a tradição que entende a mulher como parceira que decide", diz Lidia Weber. Em um estudo, ela avaliou a culpa entre 67 mães que deixavam os filhos na creche. Concluiu que esse sentimento é comum entre as mães com padrão socioeconômico alto. "Para as outras, trabalho é sobrevivência, não escolha."

**62%** dos maridos cuidam da casa

um estudo, ela avaliou a culpa entre 67 mães que deixavam os filhos na creche. Concluiu que esse sentimento é comum entre as mães com padrão socioeconômico alto. "Para as outras, trabalho é sobrevivência, não escolha."



A sulista é a que mais faz regime: 33% tomam remédios para tirar o apetite

## Natalidade é menor

A expectativa de vida é de 78 anos e a qualidade de vida é boa. Segundo Silvana Souza, do curso de enfermagem da Universidade Federal do Paraná, as escolarizadas buscam mais os exames de prevenção contra doenças como o câncer de mama e de colo de útero. "No Sul, está também o grupo que mais se preocupa com o planejamento familiar", diz. Tanto que a região exibe a mais baixa taxa de fecundidade (1,8 filho). Já as mortes ligadas a gravidez e parto ainda chamam a atenção. Embora esteja no Sul o segundo contingente de gestantes que fazem pelo menos sete consultas pré-natais (63%), o Ministério da Saúde registra 52 óbitos maternos por 100 mil nascidos vivos.

"O aceitável pela OMS é 25 por 100 mil", afirma Maria Goretti Lopes, presidente do Conselho de Saúde do Paraná.

**63%** fazem sete consultas pré-natais



# SUDESTE

São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais. População feminina: 40 524 294

## O espírito é de empreendedora; a rotina, sobrecarregada e tensa

**T**er liberdade e tempo livre. Esse é o maior desejo das mulheres de 30 a 50 anos que participam dos grupos de discussão liderados pela antropóloga Mirian Goldenberg, parte de um levantamento da Universidade Federal do Rio de Janeiro para investigar como as fluminenses se relacionam com o corpo. A pesquisa ainda está em andamento, mas os resultados parciais já indicam: a rotina delas é pesada. "Essas mulheres não descuidam da aparência, tratam da família, se reciclam para permanecer no emprego, dão atenção aos amigos e estão sempre tentando manter um par", afirma Mirian. Isso vale para toda a região. "No Sudeste, a mulher se define como sobrecarregada, prisioneira das obrigações, sem tempo para obter prazer no cotidiano." A atuação em inúmeras frentes é considerada massacrante. O peso maior é sentido em São Paulo e no Rio de Janeiro, com sinais atenuados em Minas e no Espírito Santo. Na região onde se concentra a maior riqueza, há outros problemas. Na periferia das grandes cidades, a mãe é a principal fonte de renda da família e revela uma preocupação: de que os filhos, com pouca chance de estudar e arrumar emprego, caiam na marginalidade.

### Campeãs na ciência

As mulheres esquentam o banco escolar por mais tempo que os homens. Do grupo com 12 anos ou mais de estudos, 54% são do sexo feminino. Elas caminham a passos largos na pesquisa científica, assumindo a maior parte dos programas de mestrado e doutorado. De 2003 para cá, cresceu em 30% o número de bolsistas da Capes, agência de incentivo à pesquisa ligada ao Ministério da Educação. Entre os homens, o salto foi de 21%. No balanço de 2006, a região fechou com 13 166 mulheres – contra 10 996 do sexo oposto.

**13** mil  
bolsistas  
da Capes

"Ainda assim, o comando dos grandes projetos científicos é masculino", diz a socióloga Jussara Prá, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Segundo ela, nesse terreno se reproduzem os mecanismos de exclusão encontrados em outras esferas da sociedade.

### Poder e violência

**Mulheres que têm maior acesso à informação sofrem um bocado para conciliar carreira e filhos. "Antes, se apoiavam na tradição familiar; educavam como as mães faziam", afirma Mirian Goldenberg. "Agora, médicos, psicólogos e até celebridades ditam 'verdades' sobre o que é certo e errado. Com isso, as mulheres se sentem inseguras, com medo de errar." Desde 1998, a antropóloga estuda também a mudança dos papéis no casamento. A relação com o parceiro se redefine. "A postura mais ativa mudou a convivência com ele. Quanto maior a independência financeira, mais ela exige que sua opinião seja considerada."**

**Autonomia, no entanto, não garantiu a queda da violência doméstica. Numa pesquisa nacional realizada pelo Ibope para o Instituto Patrícia Galvão em 2006, a preocupação com o tema, entre homens e mulheres, supera o medo do câncer e do crescimento da aids. O problema é mais aparente no Sudeste porque nas outras regiões a mulher denuncia menos. Num levantamento feito pelo Senado com 815 mulheres nas capitais, 40% das que declararam ter sofrido violência eram do Sudeste – o marido consta como agressor.**



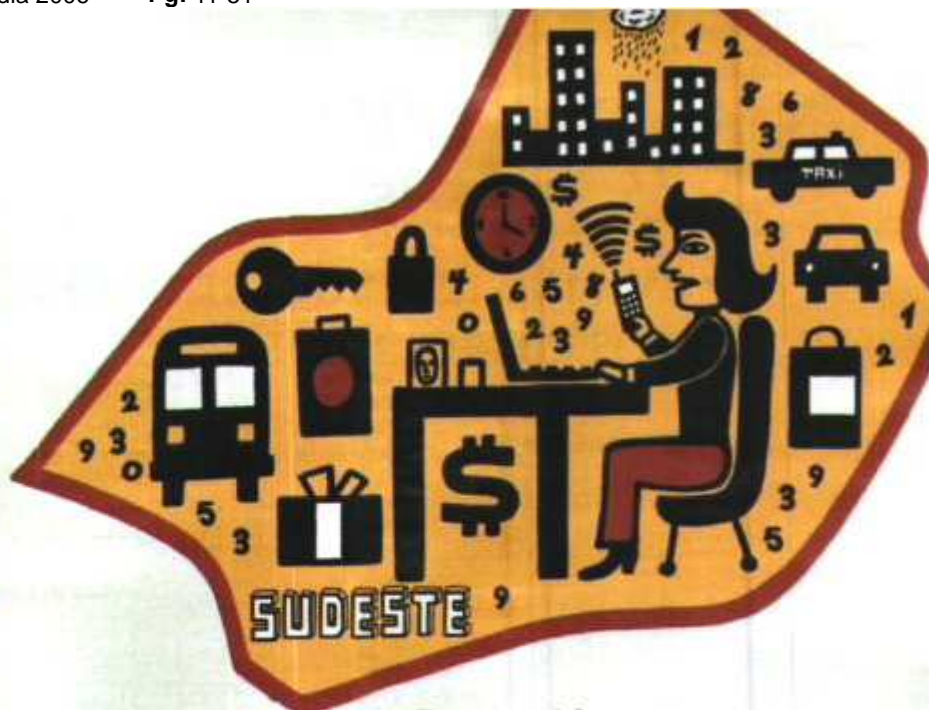
## Força de trabalho

A região reúne 44% das brasileiras economicamente ativas. "A principal fatia está no setor de serviços, que paga mal", afirma a socióloga Maria Rosa Lombardi, da Fundação Carlos Chagas. Uma boa parcela é de domésticas. Na Grande São Paulo, são 700 mil, apenas um terço delas com carteira assinada.

**5%**  
dirigem uma grande empresa

O empreendedorismo ganha força. Só em São Paulo, há 1,64 milhão de donas de empresas formais.

As empresárias negras estão rompendo barreiras em um intercâmbio com colegas americanas por meio de um programa que recebeu suporte financeiro do Departamento de Relações Exteriores dos Estados Unidos em parceria com a Integrare, centro paulista que as ajuda a fomentar negócios ou a se empregar em grandes corporações. Nesse quesito, o desafio é comandar as empresas: apenas 5% das mulheres estão na direção. As executivas sobem com facilidade quando a atividade tem características femininas, como gerenciar pessoas, segundo pesquisa da Catho, consultora de RH, realizada em 134 empresas: elas são maioria no comando dos recursos humanos (68,5%) e das relações públicas (60,2%).



No ranking nacional da vaidade, o Sudeste está em primeiro lugar. Um terço das cirurgias plásticas ocorrem no estado de São Paulo

## Stress, coração e aids

Como no Sudeste se concentra a população mais estressada, os reflexos na mulher, segundo o International Stress Management Association Brasil, são o cansaço e os distúrbios do sono. Complicações do aparelho circulatório, que levam ao ataque cardíaco, ao acidente vascular cerebral e à hipertensão, são as intercorrências que matam mais (36,6%). O Ministério da Saúde se preocupa com a feminização da aids. De 1990 a 2004, a incidência de HIV passou de 3,54 para 16,65 casos em 100 mil mulheres. "O maior crescimento ocorre entre as

monogâmicas, na faixa de 35 a 55 anos, vítimas da infidelidade do par", diz a terapeuta sexual Arlete Gravranic, do Instituto Brasileiro Interdisciplinar de Sexologia e Medicina Psicossomática. O trabalho de prevenção é lento: por constrangimento, elas não exigem que o marido use o preservativo.

**77,7**  
anos é a expectativa de vida

## Consumidora voraz

No consumo, a mulher dá a palavra final, dos itens do supermercado ao lazer. "Mesmo na viagem do casal, ela decide o destino, o hotel e a data de embarque", conta José Eduardo Barbosa, vice-presidente da Associação Brasileira das Operadoras de Turismo. As mais atiradas são as mineiras de Belo Horizonte, como mostra o Ipsos-Marplan, instituto de pesquisa de mercado. Convidadas a contar o que compraram nos 30 dias anteriores, a maioria apontou nove entre 14 itens. Na cesta básica das mineiras, figuravam maias, bijuterias, jeans e sandálias.

A tentação leva ao excesso. Segundo o Telecheque, entre janeiro e fevereiro deste ano, 52% dos inadimplentes eram do sexo feminino - e desse universo 58% viviam no Sudeste. "Elas cedem mais aos apelos de promoção", diz Eliel Vilela, diretor da Telecheque de São Paulo. "O descontrole se nota nos primeiros meses do ano, quando caem os pré-datados de Natal." As mulheres de todo o país respondem pelas chamadas "dívidas do coração", contraídas para tentar salvar da inadimplência os pais ou o parceiro.

**52%**  
dos inadimplentes são mulheres



# NORDESTE

Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe. População feminina: 26 075 265

## Fé, força na agricultura, analfabetismo e poucos casamentos

**A** religiosidade ainda norteia a nordestina. No curso da história, o catolicismo desenvolveu uma estratégia de sociabilidade que ligava paróquias e cidades. Segundo o sociólogo Gey Espinheira, da Universidade Federal da Bahia, era migrando de festa em festa que as pessoas firmavam laços afetivos, uma dinâmica que tem tudo a ver com o feminino. “Embora os líderes sejam beatos, padroeiros e conselheiros, as mulheres são mais dedicadas aos cultos e à devoção”, afirma. Ainda hoje, 82% das mulheres se declaram católicas, enquanto entre os homens aumentam os ateus. O que se nota no grupo feminino é a busca de novos credos. Um estudo da Fundação Getúlio Vargas sobre 50 religiões demonstra predominância feminina em 43 delas. “A exceção fica por conta daquelas de tradição patriarcal, como judaísmo, hinduísmo e islamismo”, diz Marcelo Neri, coordenador do trabalho. Os novos caminhos levam às divisões evangélicas e à conciliação do catolicismo com a umbanda. Seja como for, a fé é um traço intenso. Assim como a vaidade. Está no Nordeste a brasileira mais perfumada: 97% declararam ao instituto de pesquisa de mercado Ipsos-Marplan que adoram usar colônias.

### Com a mão na terra

Das 10,8 milhões de trabalhadoras, 28,9% estão na agricultura, o maior percentual do Brasil. Elas se concentram nas áreas valorizadas, como as irrigadas pelo São Francisco (Bahia e Pernambuco), que produzem frutas, e nas serras do Ceará, onde plantam flores. “Essas regiões têm caráter de seletividade, os contratantes priorizam a mão-de-obra feminina”, diz a socióloga Gema Esmeraldo, da Universidade Federal do Ceará. Mas, lembra ela, há muitas na invisibilidade: “São as mulheres que atuam em pequenas propriedades; o trabalho é tido como ajuda

ao homem, não entra nas estatísticas”. Para mudar esse quadro, nos anos 90 as nordestinas criaram o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais, que luta pelo direito à documentação, aposentadoria e licença-maternidade.

**28,9%**  
trabalham na  
agricultura

### Sem prevenção

Com a expansão do Programa de Saúde Familiar, o Nordeste conseguiu reduzir o número de gestantes sem consulta pré-natal. Entre os exames preventivos, o papanicolau, detector de lesões que levam ao câncer de colo de útero, precisa de maior adesão. Cerca de 60% das maranhenses e 51,2% das alagoanas declararam ao Pnad/IBGE que nunca haviam se submetido a ele. Também por falta de prevenção, muitas engravidam e abortam. A interrupção é uma das principais ameaças à saúde na região. O Dossiê Aborto 2005, da Rede Feminista de Saúde, que reúne 200 organizações de mulheres, comprova que, a cada ano, são realizadas no Brasil 238 mil internações na rede pública motivadas pelo procedimento. O Nordeste ocupa o primeiro lugar em curetagens (5,5 por mil mulheres), seguido pelo Norte (4,48). É verdade que a situação melhorou. De 1992 a 2005, registrou-se queda de 49,54% nos abortos induzidos – contra 46,32% no Sudeste.

Contribuíram para a redução as políticas públicas dirigidas à saúde da mulher dos anos 90 para cá.

**36%**  
fazem sete  
consultas  
pré-natais



## Solidão feminina

No ranking brasileiro da solidão, cinco capitais nordestinas ocupam os primeiros lugares. O estudo do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, feito com base em dados nacionais do IBGE, revela Salvador como campeã: 50,91% das mulheres acima de 20 anos estão solteiras, se-

**50,9%**  
estão sem  
um par  
em Salvador

paradas ou viúvas. A vice-líder é Recife, com 50,76%. Depois vêm São Luís (49,34%), Aracaju (48,86%) e

Fortaleza (47,05%). É um fenômeno de grandes centros. "Nas capitais brasileiras, em média, 45,4% das mulheres estão sozinhas contra 25% na área rural", diz Marcelo Neri, coordenador do estudo. As solitárias têm renda 62% mais elevadas que as casadas e grau maior de escolaridade. Por que, então, não conseguem um par? "Em Recife, por exemplo, encontramos uma baixa oferta de parceiros", explica Neri. "Existem 12,6 mulheres para cada homem adulto." Já no interior, como na baiana Juciapi, o problema é outro. "Há homens sozinhos o suficiente, mas parece que eles não estão nem um pouco interessados em se casar."

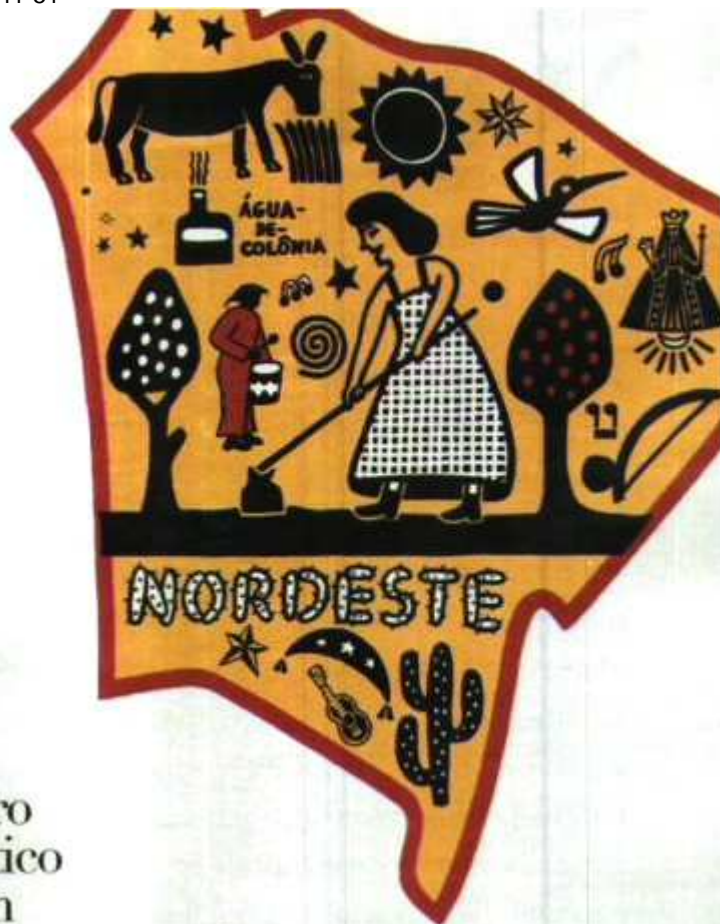
## Tradição política

O destaque fica com o Rio Grande do Norte, governado pela segunda vez consecutiva por Wilma Maria de Faria (PSB), seguindo uma tradição inaugurada por uma fazendeira baixinha, Alzira Soriano, primeira mulher eleita no Brasil: em 1929 ela saiu das urnas como prefeita de Lages, no interior do estado. Antes de Wilma, a senadora Roseana Sarney (PMDB) havia governado o Maranhão em dois mandatos. Embora pioneiras na vida pública, as nordestinas não se livraram dos piores índices de violência em casa. Somente em Pernambuco foram assassinadas, no ano passado, 300 mulheres – quase uma por dia. Os registros demonstram uma escalada: em 2004, morreram 276 e, em 2005, 290. Uma campanha está sendo realizada por movimentos feministas para acabar de vez com as agressões.

**2420**  
vereadoras

**42**  
deputadas  
estaduais

Dinheiro de plástico também é com elas: 52% dos cartões de crédito expedidos têm a mulher como titular



## Ler e escrever

Na educação, ocupam dois extremos: o maior percentual de mulheres com 12 anos de estudos (60,5%) e o principal índice de analfabetismo. Cerca de 20% das maiores de 15 anos não sabem ler, o dobro da média nacional. Em Alagoas, chega a 27,2%. "O primeiro quadro retrata uma elite de classe média, que tem incentivo ao estudo", diz a socióloga Ana Alice Costa, do Núcleo de Estudos sobre a Mulher da Universidade Federal da Bahia. "O analfabetismo ocorre na zona rural e nos pequenos municípios, onde há descaso com o ensino fundamental e de adultos." Na opinião da pedagoga Cícera Pinheiro, secretária adjunta de Educação de Alagoas, "faltam escolas e, em muitos pontos, há dificuldade de acesso a elas". Pesam ainda "a formação coronelista e a estrutura patriarcal, entraves que são difíceis de romper".

**27,2%**  
das alagoanas  
não sabem ler



# NORTE

Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins. População feminina: 7 424 454

## Firmes na política e na luta por melhores condições de vida

**C**om um cotidiano rude, talhado no isolamento imposto pelas florestas, a mulher do Norte construiu uma história de resistência. Se olharmos de perto, ela é uma heroína. "Sempre teve que lutar por tudo", diz a pesquisadora Maria Luzia Álvares, da Universidade Federal do Pará. "Pela terra, pela sobrevivência sem marido, contra os invasores de terra e para deter a violência no campo e em casa." O reflexo disso são os muitos movimentos que se formaram nas últimas décadas. Maria Luzia identificou só no estado mais de 90 grupos em atividade. "No corpo-a-corpo, houve um aprendizado epidêmico. As mulheres concluíram que só obtêm respeito tornando-se aguerridas." Com organização, as nortistas conseguiram, recentemente, diminuir a mortalidade infantil. O principal desafio é abrir mercado de trabalho com salários mais adequados, já que a média é de 533,60 reais por mês – entre as que têm registro em carteira. A disparidade é enorme: na região amazônica, por exemplo, 17% da população tem renda inferior a 1 dólar por dia. Não é raro encontrar em fazendas de castanha mulheres que não ganham nada além de um quintal para plantar a própria comida.

### Na atividade pública

O governo do Pará está pela primeira vez nas mãos de uma mulher, a arquiteta Ana Júlia Carepa (PT). Não é o único destaque: o Ministério do Meio Ambiente é conduzido por Marina Silva, uma acreana que começou a vida pública defendendo os seringueiros e as questões ambientais. Ela ganhou projeção internacional, o que fez dela vereadora, deputada e duas vezes senadora. A região,

onde o uso da internet é o mais baixo do país (11,9%), exibe o maior índice de mulheres eleitas para o Legislativo. Na Câmara Federal, há 13 deputadas, 20% da bancada nortista. As deputadas estaduais não formam o maior grupo, mas são muitas: 25. Segundo a pesquisadora Maria Luzia Álvares, elas estão começando a colher nas urnas o que plantaram em vários movimentos sociais.

**611**  
vereadoras

**2**  
senadoras

### Universidade feminina

No ensino superior, as mulheres são maioria: 62,8%, quando a média nacional é de 57%. É uma conquista que vem do século passado, segundo Arminda Mourão, diretora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas. "Em 1913, a Universidade Livre de Manaus contava com a presença significativa de alunas em vários cursos", afirma. "A faculdade de farmácia tinha 17 matriculados, sendo seis mulheres. Na odontologia, havia oito moças entre 20 estudantes. Hoje, de cada dez universitários, seis são do sexo feminino." A vantagem numérica não se refletiu na paridade de poder. "Apenas este ano, uma mulher chegou à reitoria em uma universidade." Ela se refere a Marilene Corrêa Freitas, que desde março dirige a Universidade Estadual do Amazonas. A instrução básica, no entanto, é precária, sobretudo na zona rural: as mulheres têm 4,4 anos de estudo, em média. No centro urbano, ocorre uma melhora e elas somam 6,9 anos de estudo.

**62,8%**  
dos universitários  
são mulheres

**538**  
bolsistas da  
Capes



Na Amazônia legal, a frequência escolar das meninas subiu de 86 para 96%. O analfabetismo encolheu de 20 para 12%

### Chefes de família

Elas chefiam os lares - sete entre dez não têm marido ou estão longe deles.

"O quadro é mais comum em áreas metropolitanas", diz a economista Cristiane Soares, do IBGE.

**533**

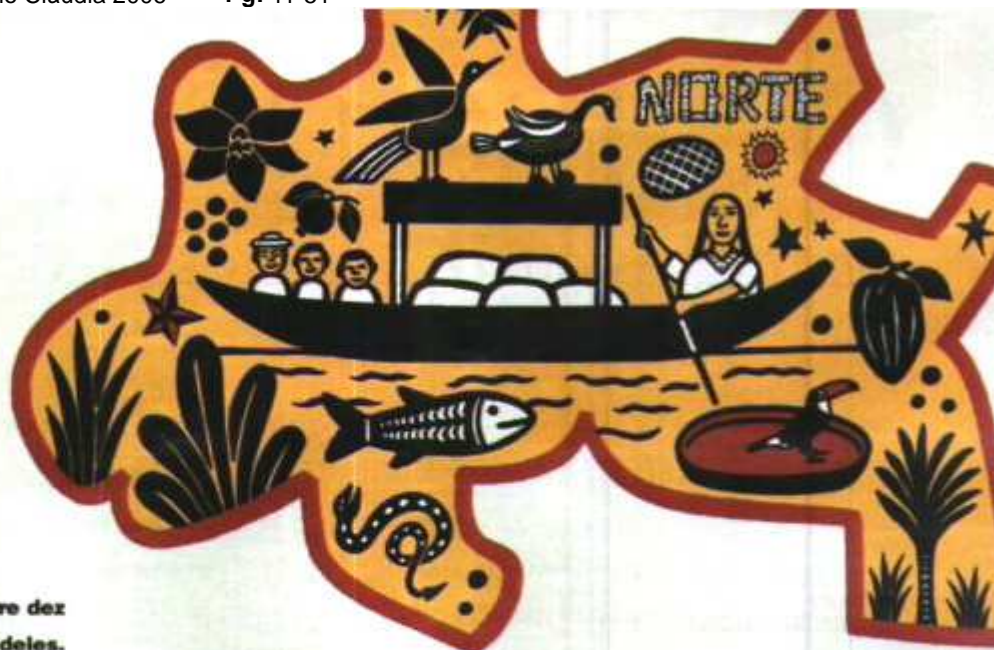
reais é o salário médio

Na ausência do par, que costuma ir para o

Centro-Oeste atrás de trabalho, ela assume a criação dos filhos.

O lufa-lufa das índias

paraenses começa às 4 da manhã e termina às 22 horas. A antropóloga Jane Beltrão, da Universidade Federal do Pará, foi ver de perto como elas funcionam na aldeia: "Em quatro horas contei 19 tarefas, realizadas numa simultaneidade impressionante". O que fazem para manter a família não é contabilizado pelo IBGE, que registra na região a menor parcela de mulheres economicamente ativas. São 2,9 milhões, sendo que metade fica no Pará, onde se ocupam do comércio, da prestação de serviços e da indústria extrativista. Em Belém, 80 mil tiram o sustento como domésticas, oito em cada dez sem carteira. No capítulo executivas de médias e grandes empresas, a realidade é mais leve. A Catho aponta que, das corporações cadastradas no Norte, 22% são dirigidas por mulheres. No Tocantins, elas assumem principalmente postos na administração pública e respondem pelo artesanato.



### Nascer na floresta

O porcentual de partos assistidos por médicos no Norte e no Nordeste é de 55%, enquanto nas outras regiões fica em 78%. Também não há hospitais suficientes: são dois leitos para cada mil habitantes. "Nas áreas isoladas, as parteiras desempenham um papel importante", diz Paula Vieira, coordenadora do Grupo Curumim. Só no Pará, a organização tem mais de 1,2 mil agentes de parto cadastradas. Como são indispensáveis, o governo do Acre criou o projeto Nascer na Floresta, que visa dar a elas melhores condições de trabalho. A enfermeira-obstetra Gerlúvia Angelim, da Secretaria Estadual de Saúde, explica: "São mulheres habilidosas, respeitadas na comunidade. Então o que fazemos é oferecer orientações técnicas sobre pré-natal, parto e pós-parto, com ênfase no planejamento familiar e aleitamento materno".

Segundo o livro *PROGRESSO DAS MULHERES NO BRASIL*, organizado pelo Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (Unifem), publicado em 2006, as índias têm exigido tratamento semelhante. Há cinco anos, do I Encontro das Mulheres Indígenas da Amazônia saiu um documento no qual reivindicam ao Estado o aprimoramento das parteiras, melhora nos serviços de assistência e saneamento básico das aldeias, estímulo ao plantio e uso de ervas medicinais, além de respeito às culturas indígenas. Essas iniciativas representaram passos adiante. Um estudo sobre dez indicadores sociais realizado pelo Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia revela discreta melhora, com exceção do desmatamento de árvores e do crescimento da aids. O resultado a comemorar se refere à mortalidade infantil, que caiu entre 1990 e 2005 e atingirá a meta de 20 óbitos para cada mil nascidos em 2011. Rondônia e Acre estão mais próximos do objetivo, com 30 óbitos por mil nascidos.

**55%**  
dos partos são feitos por médicos

**1,2** mil  
parteiras só no Pará

**30**  
óbitos por mil nascidos no Acre



# CENTRO-OESTE

Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal. População feminina: 6 675 240

## Otimistas com o presente e preocupadas com o futuro do planeta

**N**a planilha do Ipsos-Marplan, instituto de pesquisa de mercado, as moradoras de Brasília esbanjam otimismo: 71% acreditam que a vida está melhor hoje do que anos atrás e 82% têm fé de que o futuro será ainda melhor. São pessoas atentas com a preservação do planeta (71% procuram usar produtos biodegradáveis e não-poluentes) e que não abrem mão das novidades tecnológicas: 51% preferem produtos high tech. Por isso, o Centro-Oeste é o líder na quantidade de mulheres que portam um telefone móvel (45%), superando o Sul (44%) e o Sudeste (39%). “A média da região é puxada para cima pela capital federal, lugar com o maior percentual de conectados via celular”, diz Maria Lucia Vieira, pesquisadora do IBGE. Uma nota que destoa é o crescimento da criminalidade feminina ligada ao tráfico. No Mato Grosso, por exemplo, de 100 presas, 60 cumprem pena ligadas à venda ilegal de drogas e de armas.

### Dona do próprio nariz

Boa parcela trabalha como autônoma ou na economia informal – iniciativas sem registro, ligadas a vendas de porta em porta e à pequena produção de alimento. Não faltam força e vontade. Um levantamento recente feito pelo professor Jorge Pinho, da Universidade de Brasília, com alunos de administração de três universidades da região, mostrou que o espírito empreendedor das mulheres é tão aguçado quanto o dos homens. “Elas levam desvantagem quando constituem família e somam aos encargos profissionais os domésticos”, observa. Uma

pesquisa do IBGE sobre economia informal, de 2003, atesta que as mulheres representavam 32% dos 693 mil empreendedores em atividade no Centro-Oeste. Cerca de 30% abriram o negócio com a cara e a coragem. As demais tiraram o capital inicial de poupança, venda de bens ou empréstimos familiares. No campo das empresas formais, as goianas figuram em ótima posição. Elas montam estabelecimentos educacionais, lojas de produtos para animais, confecções e serviços.

**30%**  
abriram um  
negócio quase  
sem dinheiro

**70%**  
usam a internet  
nas empresas

### Mães meninas

A incidência de gravidez na adolescência teve leve queda nas regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste, segundo o Ministério da Saúde. Mas os números precisam decrescer ainda mais. No Centro-Oeste, o índice dos nascidos vivos de mães na faixa dos 15 aos 19 anos é de 20%. A gravidez precoce não desorganiza apenas a vida da jovem mãe, mas da família inteira. A pediatra Marilúcia Picanço, coordenadora do ambulatório de pediatria do Hospital Universitário da UnB, afirma que, em muitos casos, o filho é visto pela adolescente como um irmão mais novo, sobre o qual ela não tem responsabilidade. Os cuidados com o bebê acabam sendo divididos com a mãe e outros parentes. Em um estudo com 149 mães (69 de 13 a 19 anos e 80 com mais de 20 anos), Marilúcia verificou que a adolescente deixa de amamentar os filhos mais cedo e frequentemente esquece de dar as vacinas. Há ainda uma ocorrência maior de baixo peso nos bebês das meninas (15%) em comparação com os filhos das mães adultas (3,6%).

**20%**  
dos bebês  
têm mãe  
entre 15  
e 19 anos



## Encontros e desencontros

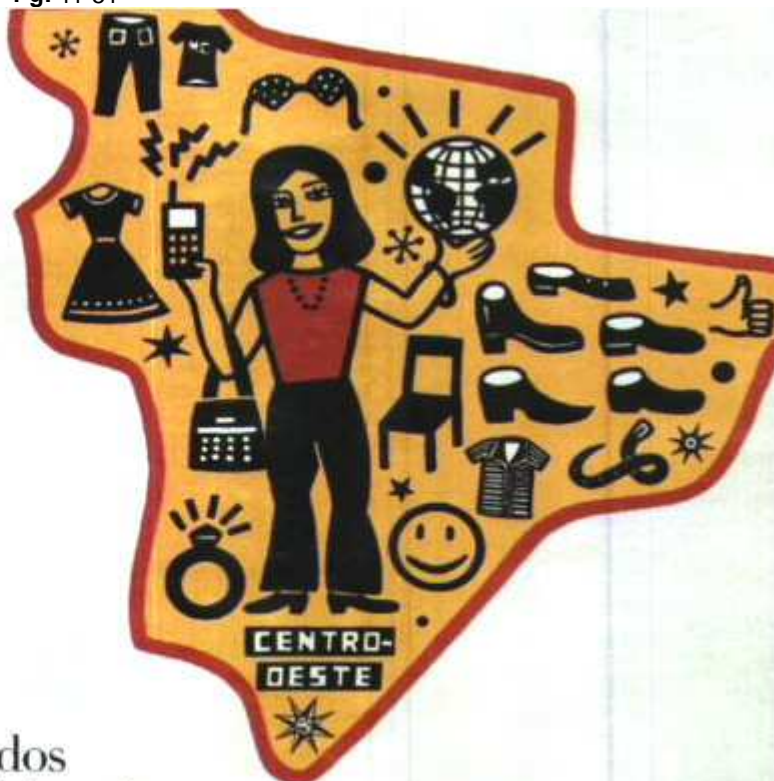
O Distrito Federal é casamenteiro: 8 em cada mil habitantes, com 20 anos ou mais, dizem "sim" no cartório, quando a média nacional é de 6. Curiosamente, é de lá o maior índice de divórcios: são 2,9 para cada mil habitantes. A professora Lourdes Bandeira, do departamento de sociologia da UnB, explica: "Brasília tem um intenso fluxo migratório. Não mais com a intensidade de décadas atrás, mas ainda reúne muita gente que vem ocupar cargos públicos e volta para a cidade de origem". Segundo ela, as pessoas circulam em guetos e se fortalecem em grupos, já que o cenário favorece a competição econômica e a disputa por espaços políticos. Esses ingredientes contribuem para que homens e mulheres busquem pares com valores e objetivos comuns em determinados momentos. Quando os objetivos mudam, podem trocar de parceiro. "O jogo de interesses influencia os encontros e desencontros", entende Lourdes.

**8** em cada mil se casam em cartório

8 em cada mil se casam em cartório

## Criminalidade

O contingente de mulheres que cometem delitos cresce em todo o país. Basta olhar a superpopulação nas cadeias e presídios femininos. Nos últimos quatro anos, o número de detentas no Centro-Oeste saltou de 794 para 1 208 – um crescimento de 53%, só menor que o do Sudeste (78%). A maior parte atua como coadjuvante. Segundo o pesquisador Antonio Flávio Testa, da UnB, muitas se envolvem em ações criminosas porque maridos, amantes, irmãos ou filhos estão na marginalidade. "Desempenham funções como levar e armazenar drogas e armas", afirma. Há casos menos comuns em que mulheres chefiam quadrilhas. Em geral, elas têm instrução mais elevada que o restante do bando e se tornam criminosas para exercer o poder, enriquecer rápido ou ainda pelo prazer de transgredir.



33% dos negócios são abertos para compor a renda familiar, 19% por falta de emprego e 13% por desejo de independência

## Na sala de aula

No Centro-Oeste, as educadoras se preocupam com a especialização. Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, de 2003, apontam que 34,4% das professoras de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental tinham pós-graduação, o melhor desempenho do país. No Mato Grosso do Sul, onde 90% são mulheres, isso se deve ao peso que o plano de cargos e salários dá à pós-graduação. "Entre um iniciante e um professor com mestrado, a diferença salarial pode chegar a 100%", diz Eliza Cesco, da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul.

OUTRAS FONTES Instituto Brasileiro Interdisciplinar de Sexologia e Medicina Psicosomática; Associação dos Delegados do Estado de São Paulo; Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, da Unifesp; Clemea; Secretaria Estadual da Saúde do Acre; Hospital Agamenon Magalhães; Anuário Brasileiro 2007 de Meios Eletrônicos de Pagamentos; Conselho de Saúde do Paraná; Ministério da Educação; Ministério da Justiça; Ministério da Agricultura; PUC-Campinas; PUC São Paulo; Sebrae; Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica; Pesquisa Ibope/Dove; Tribunal Superior Eleitoral.

COLABOROU FERNANDA GUTIERREZ